

## Milton Santos e sua visão sobre o Espaço

Osmar Faustino de Oliveira  
Economista graduado pela UFRN  
Mestrando em Desenvolvimento Urbano – UFPE  
osmarfaustino@yahoo.com.br

Milton Santos entende que todas as coisas do mundo é uma forma de espaço. Já Lefébvre trabalha mais com o local. Milton Santos afirma que o capital produz e se reproduz na produção do espaço, o autor possui um visão Marxista. A ideia de Milton Santos é que a paisagem é algo que fica impresso e que o homem produz espaço, significando o espaço um conjunto de fotografias. Com isso, o homem produz espaço o tempo todo.

Então a paisagem é um conjunto do tempo, ou seja, em que está em constante mudança. A paisagem é produzida, enquanto o espaço, está em constante produção. Ou seja, o espaço é produzido toda hora, sendo este, formado por objetos, só que é o espaço que define os objetos produzidos. A reconfiguração espacial não é espaço, pois sua materialidade, enquanto espaço aglomera a materialidade e a vida que aquece.

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada. O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas

de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico (SANTOS, 2014; p. 62 e 63).

O espaço na atualidade é um sistema de objetos cada vez mais camufladas, comercializado por preceitos de ações ao mesmo tempo imbuídos de artificialidade, e cada vez mais propensas a fins curiosos ao lugar e a seus habitantes. Os objetos não apresentam coisa filosófica, não nos consentem a informação, se os observamos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações não se dão sem os sistemas de objetos (SANTOS, 2014).

Os princípios de objetos e sistemas de ações interagem entre si. De um lado, os sistemas de objetos ajustam a forma como se produzem as ações e, de outro lado, o sistema de ações altera a concepção de objetos novos ou se abrange sobre objetos preexistentes. É dessa forma que o espaço localiza a sua dinâmica e transforma-se.

As eficácias da produtividade são relações de produção, em que são forças produtivas. Com isso, existe uma abordagem no estudo do espaço que simplesmente almeje a partir dessa dialética das forças de produção e das relações de produção não pode levar a nem uma perceptibilidade metodológica, pois, as classes históricas atuais, em que essas duas divisões clássicas surgem misturadas. Com isso, largam de serem analiticamente válidas. É imprescindível localizar outras questões para tomar partida. Avaliar o espaço como conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, de tal modo como permite-se, a um só tempo, trabalhar com a consequência do conjunto de cada interação, ou seja, como um processo e como um resultado. Então, a partir de adjacentes susceptíveis de um tratamento indutivo que, por meio de suas particularidades competentes dê conta do grande número e da heterogeneidade de situações e de processos (SANTOS, 2014).

O espaço é especificação do todo social, ou seja, um aspecto particular da sociedade global. Então, a produção em geral, a sociedade em geral, não são mais que um real abstrato, o real concreto sendo uma ação, identidade ou obra particulares, sujeita a historicidade, é uma realização real unicamente do espaço.